

6^a Parte

O Livro da Academia

Horácio Dídimo

HISTORINHAS CASCUDAS

Homenagem

a Luís da Câmara Cascudo

Para os meus netos

Carla, Gisele Cristina, Paulo Dídimo Filho, Thales Dídimo,
Ana Paula, Jamile Cristina e Jonas Dídimo.

HISTORINHAS CASCUDAS

Homenagem a Luís da Câmara Cascudo

Quem inventa uma historinha, CRIA.
Quem adapta ou reconta, RECRIA,
Quem inventa uma nova história, baseada na primeira,
TRANSCRIA.

O TEXTO é uma criação.
O TRANSTEXTO é uma recriação.
O HIPERTEXTO é uma transcriação, baseada num primeiro texto,
chamado hipotexto.

Uma historinha, portanto, pode ser
CRIADA, RECRIADA ou TRANSCRIADA,
isto é,
pode ser CONTADA, RECONTADA OU TRANSCONTADA.

As historinhas, como certos besouros, são CASCUDAS.
Os besouros cascudos parece que têm várias asas superpostas.
Assim também as historinhas:
à medida que voam de um lugar para outro,
criam novas asas, novas cascas.

Luís da Câmara Cascudo era um mestre
na arte de registrar, estudar e comparar
as asas das HISTORINHAS CASCUDAS.

Horácio Dídimo

MESTRE JABUTI E A LAGARTA PINTADA

Mestre Jabuti chegou no terreiro com a sua violinha e os meninos o cercaram:

- Mestre Jabuti, cante uma musiquinha!

Mestre Jabuti não se fez de rogado. Sentou-se num tamborete, afinou a violinha e começou:

Lagarta pintada

Quem foi que pintou?

Foi o gigante

Dos tempos de antes

Ou foi o anão

Dos tempos de então?

Foi a aurora

Dos tempos de outrora

Ou foi a velhinha

Que passou por aqui?

Os meninos aplaudiram, entusiasmados.

- Mestre Jabuti, cante outra!

Mestre Jabuti sentou-se outra vez no tamborete, afinou a violinha e começou:

Lagarta pintada

Quem foi que pintou?

E cantou toda a musiquinha novamente, até o fim. Os meninos aplaudiram de novo, mas insistiram:

- Mestre Jabuti, nós queremos outra musiquinha!

Mestre Jabuti afinou pela terceira vez a violinha e começou:

Lagarta pintada...

Os meninos interromperam.

- Chega de lagarta pintada, Mestre Jabuti. Nós queremos OUTRA musiquinha.

Mestre Jabuti então calou-se, botou a violinha no saco e foi-se embora.

O DOMADOR DE MACACOS*

Lá na China havia um domador de macacos chamado Chuang Tzu. Um dia ele chamou todos os macacos e disse:

- De hoje em diante cada um de vocês receberá todos os dias cinco bananas pela manhã e dez bananas à tarde.

Quando ouviram isto os macacos ficaram furiosos e começaram a reclamar.

O domador ouviu pacientemente as reclamações e resolveu:

- Está bem. Cada um de vocês receberá, então, todos os dias, dez bananas pela manhã e cinco bananas à tarde.

Os macacos, desta vez, ficaram muito satisfeitos e aplaudiram a decisão do domador.

O domador pensou consigo mesmo:

- Quem é que pode entender esses macacos?

* Recriação da historinha *Três pela Manhã* recontada por Thomas MERTON em *A Via de Chuang Tzu*. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, p. 60-61.

O BICHO FOLHARAL*

A Raposa e a Onça eram comadres. Um dia a Onça foi visitar a Raposa e roubou um pote de mel que a Onça guardava para agradar os seus afilhados. A Onça descobriu e disse consigo mesma:

- Deixa estar que eu vou dar uma lição naquela ladrona.

Como era uma época de seca, só havia uma pequena lagoa na floresta, onde os animais iam beber. A Onça resolveu ficar lá de plantão até encontrar a Raposa.

Esperou vários dias e nada da Raposa aparecer.

A Raposa morta de sede lambusou-se com o resto do mel, rolou num monte de folhas e virou o Bicho Folharal.

Aproximou-se da lagoa e bebeu, bebeu, bebeu.

A onça admirada perguntou:

- Folharal, Folharal, desde que nasceste, nunca mais bebeste?

- Desde o dia do mel, Comadre Onça.

E meteu o pé na carreira.

* Baseada na historinha contada pela minha avó materna. Cf. Versão de Luis da Câmara CASCUDO, em *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p.311-313.

XÔ PASSARINHO!*

Quando o pai viajou para tratar de negócios, Maria, sua filha, ficou em casa sozinha com a madrasta, uma velha chamada Orozimba. A velha botou as unhas de fora e revelou-se logo uma madrasta pior que a da Branca de Neve.

Obrigava a menina a dormir numa esteira velha e a passar o dia vigiando uma figueira para os passarinhos não bicarem os figos. A menina passava horas gritando: xô passarinho!

Uma tarde ficou tão cansada que adormeceu e os passarinhos bicaram todos os figos. A velha Orozimba ficou com tanta raiva que enterrou a menina viva no quintal. A menina gritava: - Valha-me Nossa Senhora! Mas a velha não teve dó nem piedade.

Quando o pai voltou da viagem a velha disse que a menina havia desaparecido. O pai fez tudo mas não encontrou nem sinal da menina.

Enquanto isso no lugar onde a menina foi enterrada começou a nascer um grande capinzal. Um dia o dono da casa mandou o empregado cortar o capim. No dia seguinte bem cedinho, quando ele começou o serviço, ouviu uma voz que saía do chão cantando:

*Capineiro de meu pai
Não me cortes os cabelos
Minha mãe me penteava,
Minha madrasta me enterrou,
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou...
Xô passarinho!*

* Recriação da historinha Cantiga da Menina Enterrada Viva, coligida por Luis da Câmara CASCUDO em *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p.452-455.

O capineiro ficou assombrado e saiu correndo para avisar o patrão. O pai da menina chegou, ouviu a cantiga e ficou emocionado. Mandou cavar a terra com todo cuidado até que encontraram uma laje. Debaxo da laje lá estava a menina Maria bem viva e bem disposta, por um milagre de Nossa Senhora!

A madrasta Orozimba sumiu no oco do mundo e ninguém nunca mais teve notícia dela.

O ELEFANTE E O PASSARINHO *

Houve um grande incêndio na floresta. O Elefante, que era o bombeiro, estava olhando desanimado a cena de destruição, quando viu o Passarinho levando uma pouca de água no bico para apagar o fogo. O Passarinho ia e vinha incansavelmente. O Elefante não se conteve e gritou:

- Ó Passarinho, você não vê que não vai conseguir nunca apagar este incêndio?

- Eu sei, amigo Elefante, mas eu estou fazendo a minha parte.

* Esta historinha foi recontada na orelha do livro de Rose Aimée Dummar Ary, *Folhas...E mais folhas*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1999.

A HISTÓRIA DA CABACINHA*

O Lobo viu uma velhinha Vovozinha na floresta e lembrou-se da história do Chapeuzinho Vermelho. Aquela Vovozinha devia estar levando uns bolos para a Netinha.

Mas a Vovozinha, que não havia esquecido os óculos, viu o Lobo de longe e escondeu-se atrás de uma árvore. Lá encontrou uma cabacinha, entrou dentro dela e quando notou que o Lobo estava se aproximando, saiu rolando pela estrada: tererê tererê tererê! tererê tererê tererê!

O Lobo viu aquela cabacinha rolando pela estrada – tererê, tererê, tererê - e gritou:

- Cabacinha, você não viu por aí uma velhinha?

E a Vovozinha dentro da cabacinha gritava:

Não vi velha, nem velhinha!

Corre,corre, cabacinha!

Tererê tererê tererê! tererê tererê tererê!

Não vi velha, nem velhinha!

Corre,corre, cabacinha!

Tererê tererê tererê! tererê tererê tererê!

* Baseada na historinha contada na minha infância pela minha tia Madá.

AS SECAS DO CEARÁ*

Quando Santo Antônio andava pelas terras do Ceará fez muitos milagres e ajudou a muita gente.

Mas, como sempre, há gente ingrata por este mundo afo-ra, uma noite algumas pessoas importantes mandaram prendê-lo, colocaram-no à força numa jangada, e mandaram-no embora.

E lá se foi Santo Antônio numa jangadinha de volta pra Portugal.

No meio da viagem Santo Antônio sentiu sede, mas nin-guém havia colocado nenhuma quartinha com água na jangada.

Santo Antônio olhou para o céu e pediu a Deus que lhe mandasse um pouco d'água.

Os ventos começaram logo a soprar e trouxeram todas as nuvens que estavam sobre o Ceará. Não faltou mais água para Santo Antônio durante toda a viagem, mas em compensação, na-quele ano não choveu no Ceará.

* * *

A partir daquele momento todos os anos as nuvens do Ceará vão para perto de Santo Antônio, esteja ele onde estiver.

Todas a vezes que ele se esquece de mandar as nuvens de volta acontece um ano de seca no Ceará.

*É por isso que todo ano no dia 19 de março São José pergunta:
- Antônio, já mandou as nuvens de volta para o Ceará?*

* Transcrição do conto etiológico A causa das secas no Ceará, coligido por Luis da Câmara CASCUDO, em *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p.398-400.

A ARANHA NANCY*

Era uma vez uma aranha muito sabida chamada Nancy. Era tão sabida que resolveu juntar num pote toda a sabedoria do mundo. Depois amarrou o pote na cintura e foi subindo devagarinho numa árvore bem alta, para guardar o pote no seu escondido. Foi quando passou por ali uma menina chamada Carlinha, de mãos dadas com sua priminha Gisele. Carlinha, que já conhecia a aranha, foi logo dizendo:

- Nancy, por que você não carrega o pote nas costas. É muito mais fácil!

Nancy achou a sugestão boa, mas ao mesmo tempo lembrou-se de que não era a única no mundo a saber das coisas. A Carlinha tinha sido mais sabida do que ela. E ficou com tanta raiva que o pote caiu e espatifou-se no chão.

* * *

E foi assim que a sabedoria que estava guardada no pote espalhou-se pelo mundo todo. É por isso que hoje não existe mais ninguém no mundo que não tenha nem que seja um tico de sabedoria para compartilhar.

* Recriação da lenda africana da Aranha Ananse recontada por J.O. Graft HANSON em Leia e passe adiante: mensagem comemorativa do dia 2 de abril. *Notícias*, Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, fev.1989, p.5-8.

O CANTO DO PASSARINHO CARRANCUDO *

O Passarinho Carrancudo sabia declamar uns versinhos, mas não sabia cantar.

- Onde já se viu um passarinho que não sabe cantar? – pensava ele cada vez mais carrancudo.

Foi então procurar os seus amigos. Talvez algum deles soubesse cantar. Mas o Anãozinho Tanto-Fez disse que só conseguiu cantar quando viu a Estrela Azul brilhando no céu pela primeira vez, o Tigre-de-Bengala e o Leão-de-Peruca disserem que só sabiam urrar, o Sapãozinho só cantava quando estava com muita raiva, Dragãozinho Tra-la-li só cantava em dia de chuva e o Bicho Pernas-pra-que-te-queiro só sabia fazer toco-toco, toco-toco.

O Passarinho Carrancudo já estava desanimado, quando ouviu uma cantiga muito bonita na floresta. Aproximou-se e viu que era uma menina-fadinha chamada Bia que estava cantando.

O Passarinho Carrancudo então pediu:

Fadinha Bia, me ensine a cantar.

A Fadinha respondeu:

- Vamos falar com a minha mãe. Foi ela que me ensinou a cantar, a mim e ao meu irmão. Talvez ela possa ensinar a você também.

* * *

Pois foi assim que o Passarinho Carrancudo aprendeu a cantar de uma hora para a outra.

Agora todos os dias ele abre o bico e canta:

* Cf. DÍDIMO, Horácio. *O Passarinho Carrancudo*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1980: _____. *O Canto do Passarinho Carrancudo*, música de Elvira Drummond. *Revista de Letras*, Fortaleza, v. 14, 1989, p.227-260.

*Era uma vez um Passarinho Carrancudo
Que não sabia
 Não sabia
 Não sabia navegar*

*Passava uma
 Duas três
 Quatro cinco
 Seis semanas
E não parava não parava não parava
De cantar*

A PRINCESA SISUDA*

Era uma vez uma princesa conhecida como Princesa Sisuda, porque estava sempre de cara amarrada e não achava graça em nada. O Rei tinha muito desgosto ao ver a filha sempre fazendo careta, emburrada. Consultou os médicos mais famosos do reino, mas nenhum encontrou a causa nem a solução do problema. E o Rei ia ficando também da cara amarrada, cada vez mais preocupado.

Até que um dia o rei resolveu: dava a filha em casamento a quem a fizesse rir. Apareceram logo palhaços, bonequeiros, contadores de anedotas, comediantes, mágicos, malabaristas, mas a Princesa Sisuda não ria. Estava cada vez mais sisuda.

Um rapaz meio atoleimado, apelidado Manê Bestão, disse para seus amigos:

- Já que ninguém conseguiu, agora é a minha vez.

Os amigos mangaram muito, mas ele não se incomodou. Arrumou a trouxinha e foi para o palácio real.

Lá chegando foi introduzido pelos guardas na luxuosa sala de audiências e lá ele ficou, de boca aberta e meio sem jeito, parado na entrada, olhando para o Rei sentado no trono com a Princesa Sisuda ao lado. O chefe da escolta deu um cutucão nele, para que ele se aproximasse. Mas ele, que sentia muitas cócegas, deu um pulo tão grande que derrubou o guarda e caíram ambos no chão, de pernas para o ar, derrubando cadeiras e mesas. A princesa soltou então uma gargalhada que ecoou em todo o palácio.

O Rei ficou muito satisfeito, mas quando olhou para aquele rapaz desajeitado, foi logo perguntando se ele não queria dinheiro em vez de se casar com a princesa.

* Recriação da historinha coligida por Luís da Câmara Cascudo, em *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p.155-158.

- Não, disse o rapaz. Eu quero é casar com a princesa, como o Rei, meu senhor, prometeu.

- Pois casar com ela você não casa, disse o Rei. Se você quiser eu lhe dou muito dinheiro, mas não quero ter como genro um abastado como você.

Mané foi embora muito triste.

Pouco tempo depois soube que o rei pretendia casar a Princesa com um Príncipe do reino vizinho que chegaria no dia seguinte para o noivado oficial. Mané Bestão, que não havia desistido do seu intento, lembrou-se de consultar seus amigos - o Camundongo Mun, a Lagartixa Ti e a Formiguinha Mi, os quais havia salvo por ocasião de um incêndio na floresta e eles haviam prometido ajudá-lo quando precisasse. Os três se reuniram, confabularam por alguns minutos, depois revelaram o plano.

O Camundongo Mun explicou:

- O Príncipe chega amanhã à noite ao Palácio e no dia seguinte, na hora do café, será recebido pelo Rei e pela Princesa. Durante a noite eu vou buscar uma raiz purgativa muito forte, você espreme e faz um suco, a Lagartixa Mi leva para o quarto do Príncipe e quando ele pegar no sono, a Formiguinha Mi vai pingar o suco gota a gota em sua boca. Depois veremos o resultado.

Assim foi feito. A cada ronco do Príncipe uma gota caía em sua boca. E ele até lambia os beiços de vez em quando.

Pela manhã o Príncipe levantou-se apressadamente e correu para o Sala das Refeições Reais. Já havia lá uma cadeira reservada para ele ao lado da Princesa. Pois bem. No momento em que o Príncipe se sentava na cadeira aconteceu a tragédia, o desastre, a desgraça incontrolável. A Princesa levantou-se furiosa e disse:

- Jamais me casarei com este Príncipe sujo. Eu quero me casar é com o rapaz que me fez rir.

* * *

Pois foi assim, meus caros amigos, que o Mané Bestão se tornou o Príncipe Manuel, muito querido por todo o povo. Eu estive na festança do casamento e até ia trazendo uns bolos e doces para vocês. Mas viagem de volta foi tão demorada que eu acabei comendo tudo pelo caminho.

AS COISAS INÚTEIS*

Disse o Visconde à Emília:

- Tudo o que você diz e faz não tem a menor utilidade.

Replicou-lhe Emília:

- Quem não aprecia o que não tem utilidade não deve se meter a falar sobre o que é útil.

- ?

- Por exemplo, o chão do mundo é largo e vasto, mas de toda a sua extensão nós utilizamos apenas poucos centímetros sobre os quais nos mantemos de pé. Suponhamos agora que você tire tudo o que realmente não utiliza, de modo que um abismo se abra ao redor de seus pés.

- ?!

- Por quanto tempo você acha que poderia permanecer de pé no vazio, sem nada de sólido para sustentá-lo? Que utilidade poderia ter o pequeno pedaço de chão debaixo de cada um dos seus pés?

Disse o Visconde:

- Os pedacinhos de chão deixariam de servir a qualquer finalidade.

Emília concluiu:

- Isso prova a absoluta necessidade daquilo que não tem utilidade.

* Paródia de O Inútil, in: MERTON, Thomas. *A Via de Chuang Tzu*. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, p.194-195. Cf. DÍDIMO, Horácio. *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as Seis Aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: EUFC. 1996, p.121

A ALEGRIA DOS PEIXES*

Emília e o Visconde contemplavam as águas claras do ribeirão.

- Disse Emília:

Veja como os peixes pulam e correm tão livremente: essa é a felicidadezinha deles.

Respondeu o Visconde:

- Desde que você não é um peixe como sabe o que torna os peixes felizes?

Emília respondeu:

- Desde que você não é eu como é possível que saiba que eu não sei o que torna os peixes felizes?

O Visconde argumentou:

- Se eu, não sendo você, não posso saber o que você sabe, daí se conclui que você, não sendo peixe, não pode saber o que eles sabem.

Disse Emília:

- Um momento: vamos retornar à pergunta primitiva. O que você perguntou foi "como você sabe o que torna os peixes felizes?" Dos termos da pergunta você sabe evidentemente o que eu sei o que torna os peixes felizes. Conheço as alegrias dos peixes através da minha própria alegria, à medida que vou contemplando as águas claras do ribeirão.

* Paródia de *A Alegria dos Peixes*, in: MERTON, Thomas. *A Via de Chuang Tzu*. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977, p.126-127. Cf. DÍDIMO, Horácio. *Ficções Lobatianas: Dona Aranha e as Seis Aranhinhas no Sítio do Picapau Amarelo*. Fortaleza: EUFC, 1996, p.122.